

testes, que seriam testes de grupo feitos com uma dezena de indivíduos de cada vez.

A psicologia de grupo é quase inexistente, menos ainda do que a individual, se possível.

Mas, assim mesmo, já permitiu algumas experiências curiosas: deixando-se um grupo entregue a si mesmo numa casa isolada onde estão instalados microfones e câmeras de filmar, pode-se observar se o grupo tem estabilidade. Ele a tem se surge um chefe, que pode tomar a direção dos acontecimentos. Caso contrário, chega-se logo à confusão. É possível estabilizar um grupo mediante a troca de alguns dos seus membros, dois ou três em cada doze. Portanto, é provavelmente possível estruturar de oitocentos a mil candidatos em uma arca em grupos estáveis com um mínimo de eliminação. Depois, seria possível passar ao terceiro e último estágio: a entrevista individual, onde seriam revelados ao candidato os objetivos da operação e se conseguiria quer a sua aquiescência para participar do projeto, quer uma promessa formal de silêncio.

O resto só requer uma técnica bastante elementar: o candidato que concordou seria munido de um receptor de T.S.F. especial, acionado apenas no caso de um alerta vermelho, e de uma soma em dinheiro suficiente para cobrir os gastos necessários para chegar até a arca. As despesas com o exame de grupo dos candidatos no mundo inteiro seriam, é claro, importantes, mas negligenciáveis se comparados aos gastos da instalação inicial da própria arca.

Quais podem ser as motivações dos dirigentes de uma arca deste tipo?

Façamos uma exceção àqueles que são agentes diretos do Protetor e que têm, é claro, os mais elevados motivos morais.

Mas, e os outros?

Compreenderíamos que quisessem salvar a si próprios, mas entenderíamos menos que quisessem salvar outras pessoas às suas expensas.

Os contactos que mantive com o grupo que constrói uma arca na Suíça deixaram-me pensar num novo feudalismo que desejasse reservar para si alguns servos de forma a que não precisasse executar trabalhos manuais após a catástrofe.

Na sua arca pensei, deverá haver desde o início classes tão bem definidas quanto nas piores sociedades fascistas: os Mestres e os outros. Espero estar enganado.

Os autores de ficção científica estudaram bastante a evolução de sociedades deste tipo, totalmente isoladas, principalmente Robert Heinlein em *Univers* (ainda não traduzido em francês) e Brian Aldiss em *Croisière sans Escal* (Denoël).

Geralmente eles imaginam que a colônia esquece a existência do universo exterior e que ali se forma uma religião nova. Aldiss imagina de uma maneira bastante espirituosa o freudismo tornando-se uma religião, e até mesmo dominando a vida quotidiana. As pessoas saúdam-se nestes termos:

“Que o seu ego aumente”.

Ao que se responde:

“Às suas custas.”

Evidentemente isto é divertido, mas podemos imaginar muitas outras coisas e, especialmente, uma revolta de classes se se formarem classes.

É certo que será preciso educar os habitantes da arca mostrando-lhes, por exemplo, alguns manuais militares sobre as armas radioativas ou o armamento biológico, de modo a fazê-los entender que a superfície do globo pode ter se tornado perigosa embora a análise do ar acuse uma composição normal.